

## O SABER LINGUÍSTICO NA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO: DA LETRA AO DICIONÁRIO

GARCIA, Dantielli Assumpção – União das Faculdades dos Grandes Lagos (UNILAGO)  
([dantielligarcia@gmail.com](mailto:dantielligarcia@gmail.com))

Este trabalho, resultado da tese de doutorado *A Revista do IHGB: um gesto de documentação linguística* (FAPESP, proc. 07/58250-1), consiste em analisar como o saber linguístico se constituiu no discurso da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (RIHGB) no século XIX (1838-1889). Objetivamos analisar que formas de saberes linguísticos foram coletadas/metodizadas/divulgadas na RIHGB. Criada em 1839 em um Brasil já independente de Portugal, a RIHGB direciona-se a uma elite intelectual tanto brasileira, como estrangeira. Essa elite tem o poder de ler, escrever e discutir a produção do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Ao fazer parte dessa Instituição, os membros do IHGB ganham notoriedade no território nacional e internacional. A RIHGB busca, no século XIX, documentar uma história para o Brasil em que as línguas indígenas surgem como objeto central dessa documentação. Temos nas Revistas do IHGB a divulgação de dicionários, listas de palavras, vocabulários, comentários sobre as línguas indígenas. Essas obras publicadas na RIHGB foram coletadas ou em arquivos ou em aldeias indígenas (“pesquisa de campo”). Essa pesquisa de campo era realizada com o objetivo de estabelecer os limites geográficos para o Brasil. Ao estabelecer esses limites, o sujeito que habita esse espaço participa da formulação de dizeres sobre o espaço que está sendo demarcado. A questão territorial, no interior do IHGB, é uma questão fundamental. É o espaço geográfico junto com a história que dá forma ao Brasil. São essas duas vertentes que embasam os discursos do IHGB e que darão unidade ao território nacional brasileiro pelas propostas do IHGB.

Os membros do IHGB, em suas posições de autores, legitimados pelo Instituto, vão formulando dizeres e retomando outros que de algum modo vão construindo um dizer oficial/nacional/patriótico/científico sobre o Brasil. Na Revista, vemos documentada uma história que fundará outros dizeres que ecoarão na memória do sujeito brasileiro. Como mostra Schwarcz (1993, p. 99), “criado logo após a independência política do país, o estabelecimento carioca cumpria o papel que lhe fora reservado (...) construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos”. No interior do IHGB, temos dois tipos de membros que contribuirão para a produção da RIHGB e para interpretação dos arquivos que a instituição consultará. Temos membros considerados autores, estes têm como dever compor uma história/geografia do Brasil, e membros vistos como coletadores. A estes, o dever de coletar todos os tipos de documentos espalhados em diferentes arquivos, tanto nacionais como internacionais. Assim, aos autores, um gesto de compreensão da história e da geografia do Brasil; aos coletadores, a coleta/documentação da história e da geografia com os direcionamentos já dados pela RIHGB. Na RIHGB, podemos notar diferentes gestos de interpretação dos arquivos.

O IHGB, no ato de sua fundação, filia-se a um discurso nacionalista/patriótico. Exaltam-se as coisas da Pátria, buscando mostrar o quão nacionalista é o Brasil, o quão culta está a sociedade brasileira. Busca-se uma semelhança entre o IHGB e outras instituições (como o Instituto Histórico de Paris) que apresentam um discurso já legitimado. Além disso, forte se faz a relação com o Governo Imperial. D. Pedro II, como patrono do IHGB, participa das discussões, propõe temas a serem pesquisados, doa materiais de sua biblioteca relativos à história e à geografia do Brasil.

No ato de fundação do IHGB, a nação é aclamada, o país é exaltado. Filiando-se a um discurso romântico o IHGB aponta os sentidos do que é ser patriótico, do que é ser brasileiro. A instituição filia-se a um dizer nacionalista e os brasileiros devem cumprir também essa função, que é ser “amante das letras e da Pátria”. As letras, no IHGB, abarcam os conhecimentos literários, científicos, históricos e geográficos do Brasil. O IHGB, como uma “associação literária”, documenta e divulga, por meio de sua Revista, esses saberes sobre o Brasil. Na RIHGB, vemos um jogo entre uma memória (Brasil Colônia) e uma atualização (Brasil Independente) do dizer que

passa a se significar no discurso da RIHGB. Na atualização desse dizer, o contexto é o de um Brasil independente, que estabelece uma outra relação entre pátria/nação/território que o IHGB buscará na sua revista apresentar a seus compatriotas.

A Revista será o lugar em que todas as atividades do IHGB estarão documentadas. Nas atas, documentam-se as obras ofertadas ao IHGB, os membros que são aceitos para fazerem parte da Instituição. Nelas, temos um discurso que busca “guardar”, “arquivar” os dizeres produzidos no IHGB. Nas atas, podemos ver o gesto de documentação do IHGB que sempre tem como finalidade “preservar” sua história.

Os trabalhos publicados na RIHGB sobre um saber linguístico brasileiro são baseados nos domínios: (i) do comentário linguístico – em que se nomeiam seres e coisas, fala-se sobre a forma da língua, sobre sua história – (ii) da letra – em que se realiza um estudo sobre os sons das línguas e sua representação ortográfica – (iii) da palavra – em que a unidade de análise é a palavra em sua história (uso) e em sua etimologia; (iv) dos tratados gramaticais – em que as práticas voltam-se para a constituição de um saber linguístico que analisa os diversos domínios de uma língua, no caso específico das RIHGB do século XIX, das línguas indígenas e sua relação com a língua portuguesa.

Nas RIHGB do século XIX, o olhar estava para o índio e seu falar. Há a disciplinarização de estudos que se voltam para o saber linguístico. Esses estudos são entremeados pelos estudos geográficos, antropológicos, etnográficos, científicos e históricos. Disciplinariza-se um saber linguístico enciclopédico em que diversos domínios contribuem para a constituição de um dizer sobre as línguas do Brasil e de suas fronteiras.

Analisando a produção lexicográfica da RIHGB, pudemos perceber que a RIHGB publica desde listas de palavras em língua indígena-língua portuguesa (vice-versa) até dicionários de especialidades, no caso específico do IHGB, dentro dos domínios da história e da geografia brasileira. Na análise das obras, foi possível observar com o saber linguístico foi participando da constituição da história de um país, como os índios entraram em cena, como os escravos e outros povos também participaram da formação de uma língua portuguesa.

Assim, é no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro que uma história, uma geografia, uma ciência relativa ao Brasil e suas formas é construída e legitimada e é na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* que esse dizer científico, articulado à história e à geografia, pode ser lido e contado pelos próprios sujeitos que o constituem, ou seja, os brasileiros.